



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE LETRAS E ARTES
ESCOLA DE BELAS ARTES
GRADUAÇÃO EM PINTURA

As Cores do Luto

Alice Mendonça de Oliveira

DRE:119028757

Rio de Janeiro

2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE LETRAS E ARTES
ESCOLA DE BELAS ARTES
GRADUAÇÃO EM PINTURA

As Cores do Luto

Alice Mendonça de Oliveira
DRE: 119028757

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Setor Pintura,
Dep. de Artes Base da Escola de Belas Artes da Universidade
Federal do Rio de Janeiro, Curso de Graduação em Pintura, como
requisito para a obtenção do título de Bacharel em Pintura.

Orientador: Prof. Dr. Rafael Bteshe

Rio de janeiro 2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE LETRAS E ARTES
ESCOLA DE BELAS ARTES
GRADUAÇÃO EM PINTURA

As Cores do Luto

Alice Mendonça de Oliveira

DRE: 119028757

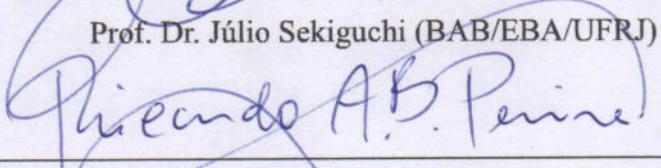
O estudante supracitado está ciente de que o Trabalho de Conclusão de Curso será publicado na Base Minerva/Sistema Phanteon da UFRJ e poderá ser integralmente publicado no site do Curso de Pintura da EBA – UFRJ. Compromete-se com a possível reformulação de seu material de apresentação conforme orientações da banca no prazo de 30 dias, visando sua posterior publicação online. Compromete-se também a enviar em documento separado o resumo e no mínimo três imagens dos trabalhos realizados com ficha técnica completa para seu orientador, a fim de serem divulgados online no site do Curso de Pintura da UFRJ. O cumprimento desses requisitos é necessário para o lançamento da nota do estudante.

Aprovado em:

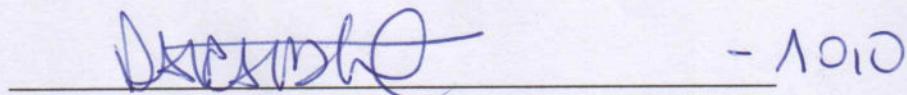
13/7/2023

Banca examinadora:

Prof. Dr. Júlio Sekiguchi (BAB/EBA/UFRJ)

 - 100

Prof. Dr. Ricardo Pereira (BAB/EBA/UFRJ)

 - 100

Prof. Dr. Rafael Bteshe (BAP/EBA/UFRJ) - orientador

CIP - Catalogação na Publicação

O45c Oliveira, Alice Mendonça de
As Cores do Luto / Alice Mendonça de Oliveira. --
Rio de Janeiro, 2023.
45 f.

Orientador: Rafael Bteshe.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de
Belas Artes, Bacharel em Pintura, 2023.

1. Artista. 2. As Pinturas. I. Bteshe, Rafael,
orient. II. Título.

RESUMO

O presente trabalho aborda a experiência do luto através da pintura e do estudo da cor, com ênfase sobre o eixo de saturação e de matizes. Fazendo uso da mancha e de formas simplificadas, a artista incita sentimentos de acordo com cada fase do luto pré definida pela psiquiatra suíça Elisabeth Kübler-Ross: negação, raiva, barganha, depressão e aceitação, em um diálogo com a interpretação ocidental das cores pré estabelecidas.

Baseando-se na experiência própria, a pintora abre para o público a discussão sobre o ‘permitir sentir’, em uma sociedade que tem se fechado para o lado sensível de sua natureza.

Palavras Chaves: Luto, cor, mancha, estágio

AGRADECIMENTOS

Para a minha mãe, que sempre me apoiou nos desenhos e pinturas e me deu todo o apoio para ingressar na Escola de Belas Artes da UFRJ. Aos meus amigos que me apoiaram durante todos os períodos do curso e, principalmente, durante as aulas online. Ao meu Orientador, pela paciência e conselhos.

SUMÁRIO

Introdução.....	8
1. A ARTISTA.....	9
1.1. O luto.....	11
1.2. Os cinco estágios.....	12
2. AS PINTURAS.....	13
2.1. Primeiros esboços.....	13
2.2. Negação - Violeta.....	21
2.3. Raiva - vermelho.....	25
2.4. Barganha - verde.....	28
2.5. Depressão - azul.....	31
2.6. Aceitação - amarelo.....	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	39
ANEXO A - Registros dos Processos.....	40
EXPOSIÇÃO INDIVIDUAL.....	43
Texto de Curadoria:.....	45

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Fotografia, 2003	9
Figura 2	Autorretrato, 2019. Lápis sobre papel, A4.....	10
Figura 3	<i>Self-Portrait</i> , 1893. CARRIÈRE, Eugène. Óleo sobre tela. 41,3 x 32,7 cm.....	14
Figura 4	Madame Case. 1900 -01. CARRIÈRE, Eugène. Óleo sobre tecido. 46,2 x 38,1 cm.....	14
Figura 5	<i>The Contemplator</i> . 1901. CARRIÈRE, Eugène. Óleo sobre tecido. 33,6 x 41 cm.....	15
Figura 6	<i>Fillette endormie</i> 1897. CARRIÈRE, Eugène. Óleo sobre tela. 24,5 x 32 cm.....	15
Figura 7	Estudos tonais 1, 2023 Carvão sobre papel, 29,7 x 21 cm.....	16
Figura 8	Estudos tonais 1, 2023. Carvão sobre papel, 29,7 x 21 cm.....	16
Figura 9	Estudos tonais 2, 2023. Acrílica sobre papel, 21 x 29,7 cm.....	17
Figura 10	Estudos tonais 3, 2023. Acrílica sobre Kraft, 21 x 14,8 cm; 14,8 x 21 cm.....	18
Figura 11	<i>Reflection</i> , 1900-05. REDON, Odilon. Pastel sobre papel. 47,8 cm x 61,2 cm.....	19
Figura 12	<i>Muse on Pegasus</i> , 1907-10. Redon, Odilon. Óleo sobre tela. 73,5 x 54,4 cm.....	19
Figura 13	Estudo de Cor, 2023. Óleo sobre papel A5.....	20
Figura 14	Estudo de Paleta 1, 2023 Óleo sobre papel. 10 x 6 cm.....	21
Figura 15	Negação, 2023.Acrílica e Óleo sobre papel Kraft 300g, 108 x 73 cm.....	23
Figura 16	Detalhes da pintura Negação, 2023.....	24
Figura 17	Estudo de Paleta 2, 2023. Óleo sobre papel. 10 x 6 cm.....	25
Figura 18	Raiva, 2023. Acrílica e Óleo sobre papel Kraft 300g, 108 x 73 cm.....	26
Figura 19	Detalhes da pintura Raiva, 2023.....	27
Figura 20	Estudo de Paleta 3, 2023. Óleo sobre papel. 10 x 6 cm; 8 x 5 cm.....	28
Figura 21	Barganha, 2023.Acrílica e Óleo sobre papel Kraft 300g, 108 x 73 cm.....	29
Figura 22	Detalhes da pintura Barganha, 2023.....	30
Figura 23	Estudo de Paleta 4, 2023. Óleo sobre papel. 10 x 6 cm; 9,5 x 7 cm.....	31
Figura 24	Depressão, 2023.Acrílica e Óleo sobre papel Kraft 300g, 108 x 73 cm.....	32
Figura 25	Detalhes da pintura Depressão, 2023.....	33
Figura 26	Estudo de Paleta 5, 2023. Óleo sobre papel. 10 x 6 cm.....	34
Figura 27	Aceitação, 2023. Acrílica e Óleo sobre papel Kraft 300g, 108 x 73 cm.....	36
Figura 28	Detalhe da pintura Aceitação, 2023.....	37
Figura 29	Print do <i>Mirro</i> , Fotos de Referência. 2022-2023.....	40
Figura 30	Estudo de Planos. Sharpie sobre papel vegetal.....	40
Figura 31	Registros da preparação do suporte, imprimatura e primeira camada de tinta óleo.....	41
Figura 32	Fotografias. Canto do TCC, Ateliê de Pintura, UFRJ.....	42
Figura 33	Cartaz da Exposição.....	43
Figura 34	Fotografia da Exposição.....	44
Figura 35	Fotografia do expositor.....	44

Introdução

Morte é uma parte da vida. Está esperando em alguma esquina da vida de todos, mas quando ela chega derrubando um depois do outro como um dominó, o luto avassalador é mais excruciente que nunca e jamais melhora.

É como um ciclone, te chicoteando, roubando-lhe o chão e lhe balançando como uma boneca de pano apenas para desaparecer e te derrubar no chão como um saco de pedras contra o cimento. Então você percebe o que isso realmente significa... Nunca mais.

Essas duas palavras terríveis nenhuma quantia de memórias felizes jamais pode sobrepor.

Nunca mais você vai ver essa pessoa.

Nunca mais você vai ouvir suas risadas.

Nunca mais vai segurá-la, ou ela a você.

É silencioso. Um silêncio incendiário que rasga você como seu pior e mais inimaginável pesadelo.

(JINX1996, 2022)

Minha arte é extremamente pessoal, sendo em grande parte composta de auto retratos e pinturas com base em fotografias de família, que desenvolvi ao longo da graduação. No início da pesquisa de TCC do Curso de Pintura, estava desenvolvendo uma série que abordava minha relação de pertencimento com a cidade do Rio de Janeiro e as memórias construídas nela. Entretanto, em 2022, após a perda repentina da minha prima e avó (com um breve intervalo entre o falecimento de ambas), fui atravessada pelo processo de luto. A pesquisa, tão feliz e nostálgica, ainda em seu estado infanto, foi atropelada pela dor, raiva e sofrimento dos estágios do luto. Com isso, se tornou impossível separar minhas composições da afetividade, pois minha arte era pessoal demais para compartmentalizar um processo tão significativo em virtude da produção acadêmica. Dessa maneira, fui desviada do caminho que estava seguindo, e conduzida para meu próprio luto como assunto para este TCC.

De acordo com a psiquiatra suíça Elisabeth Kübler-Ross, o luto se divide em cinco estágios respectivamente: negação, raiva, barganha, depressão e aceitação (KÜBLER-ROSS, 1969). Essas manifestações são expressões do processo de perda, e meu objetivo com a pesquisa foi encontrar a melhor maneira de traduzir esses estágios afetivos através da linguagem pictórica.

Através da leitura do livro “*A Psicologia das Cores*” (2013) de Eva Heller, atribuí um matiz a cada estágio do luto, visando trabalhar sobre cada tônica cromática contrastes tonais e de saturação, com ênfase sobre o gestual da mancha, sem formas muito definidas, buscando expressar a intensidade do sentimento vivido.

1. A ARTISTA

Todo retrato é, em certo sentido, um autorretrato que reflete o espectador. Como o ‘olho não se contenta em ver’, atribuímos a um retrato as nossas percepções e a nossa experiência. Na Alquimia do ato criativo, todo retrato é um espelho
(MANGUEL, 2001)



Figura 1

Fotografia, 2003.
Fonte: acervo da autora

Minha primeira forma de linguagem foi o desenho, mais especificamente a cor no desenho. Antes de escrever ou sequer falar, utilizava giz de cera e tinta para colorir as atividades que sobraram dos alunos de minha mãe, até hoje professora de artes do ensino básico municipal. Com elas, eu mergulhava dentro de mim mesma para transformar meus sentimentos em imagens - bem mais potentes que minhas limitadas palavras. Arte se tornou parte da minha comunicação, de estranhos retratos, a histórias fictícias e *fanart* de meus personagens favoritos. Assim, os desdobramentos dos gostos e da minha própria mente ficaram registrados nas folhas de ofício soltas pela casa.

Durante esse processo, muitas vezes em razão da falta de referências, fui minha própria modelo e, por mais que tentasse explorar outras áreas de representação, era difícil me identificar tanto quanto com meu próprio retrato. Logo, foi uma escolha natural gravitar em torno de autorretratos ao abordar uma pauta tão pessoal.

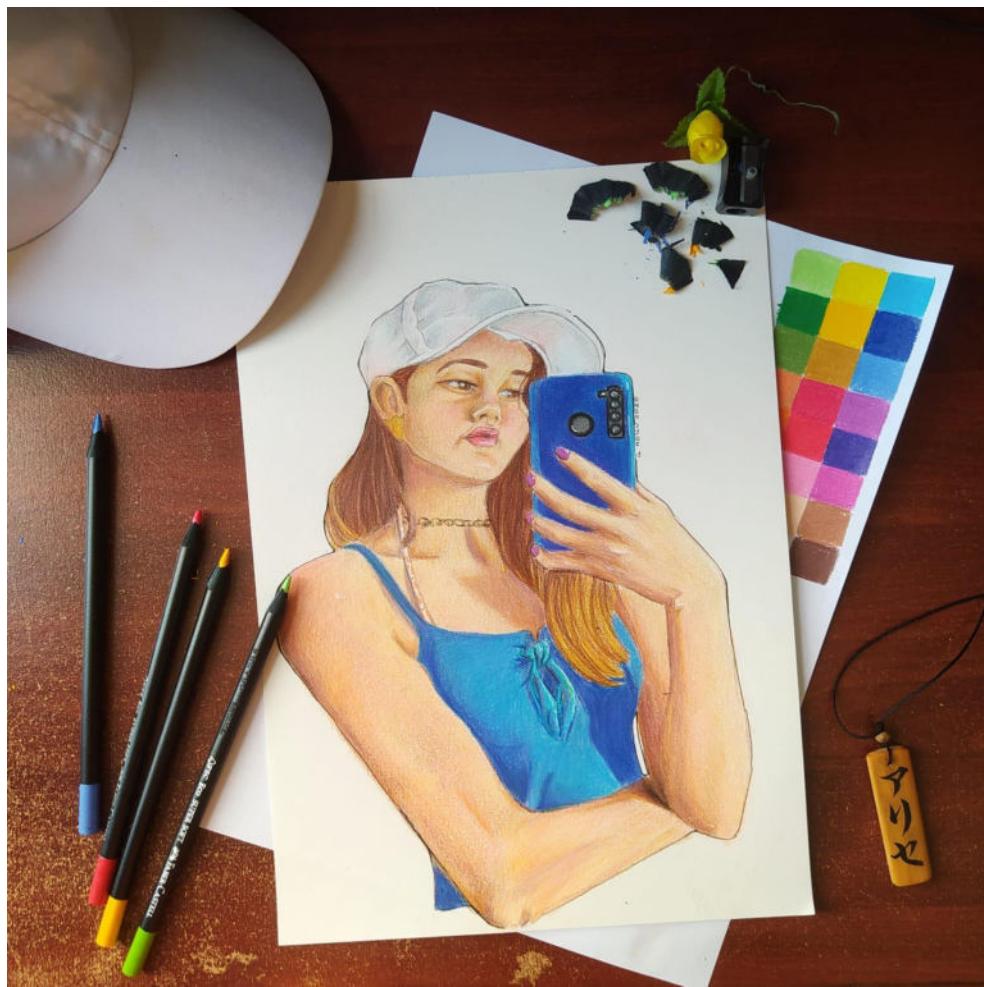


Figura 2

Autorretrato, 2019.
Lápis sobre papel, A4
Fonte: acervo da autora

Desde os meus primeiros exercícios da faculdade, um entre dez trabalhos é um autorretrato. Esse tipo de pintura se tornou o meu medidor de progresso, voltar nele de tempos em tempos é uma maneira de visualizar o meu crescimento como artista.

Durante as aulas da disciplina Pintura 3, com o professor Aurélio Nery, descobri minha afinidade com a questão da memória afetiva, pois a personalidade e o vínculo com o assunto abordado fazia com que as obras fossem desenvolvidas com mais naturalidade, conforto e confiança. Vi então, em minha própria imagem, a melhor referência. Baseando-me em fotos e momentos que vivi, trouxe a narrativa da minha vida para as minhas pinturas, em muitos casos, inspirada pelo discurso da pintora Frida Kahlo (1907-1954): “pinto a mim mesma porque sou sozinha e porque sou o assunto que conheço melhor.”

1.1. O luto

A vida é algo incontrolável e capaz de desaparecer em algum momento. A valorizamos apenas quando estamos prestes a perdê-la ou quando tomamos ciência de sua vulnerabilidade, “como somos todos imortais em nosso inconsciente, é quase inconcebível reconhecermos que também temos que enfrentar a morte” (KÜBLER-ROSS, 1969, p. 54). E quando a enfrentamos, somos quase incapazes de prosseguir a jornada devido ao nosso despreparo para com a situação. O luto é um processo repleto de altos e baixos, que evoca uma variedade de sentimentos e cuja intensidade varia de acordo com o nosso apego.

Sentimentos podem ser expressos de diversas formas artísticas: por músicas, pela dança, poemas e por cores variando de acordo com o contexto cultural. Ao mesmo tempo que, em determinadas culturas, o preto e branco são usados para o luto, em outros contextos possuem cores bem mais vibrantes como o laranja e o roxo (DOUGHTY, 2017).

Quando tive meu primeiro contato com o luto, ainda muito nova, não sabia o que era e como lidar. Paquito foi um pastor alemão que vivia no quintal da minha avó materna, já velhinho quando o conheci. No dia de sua passagem, lembro de chorar muito, enquanto meu pai e um dos meus tios iam enterrá-lo nos fundos da casa. Era estranho sentir muita tristeza pela ausência de um animal que pouco convivia, mas se manter indiferente piorava a dor da perda.

Anos mais tarde, mais familiarizada com a presença da morte graças às constantes tragédias sendo anunciadas no jornal, tratava dela como uma mera verdade ainda muito distante. Pensava muito nela, não de forma mórbida, nem com adoração ou desejo, muito menos com medo. Pensava, e ainda penso, na morte como um fato, como inevitável, porque ela é a única certeza que se pode ter sobre o futuro.

Em 2022, a morte parou de ser uma notícia dada pela televisão e se tornou uma ligação, nas primeiras horas da manhã. Rompeu o vidro que me afastava do luto e permitiu que eu experimentasse aquela montanha russa como se fosse a primeira vez. Primeiro, no dia 29 de Abril. Depois, dia 25 de Junho. O baque revirou minha vida e cabeça em um intervalo de menos de dois meses.

O primeiro reflexo do luto na minha arte foi o replanejamento dos trabalhos realizados na disciplina Pintura 5 (2022). Organizei referências com colagens que falassem da família e nossa proximidade, trabalhando com cores em sua saturação máxima para representar a intensidade dos meus sentimentos. Cores e contrastes fortes para atrair e incomodar a visão do expectador, como as minhas memórias que eram atrativas mas machucavam quando

pensava nelas por muito tempo. Creio eu, que trabalhar a dor naquelas pinturas me ajudou a lidar com o luto na época e, agora com as mortes completando um ano, vejo o presente TCC como uma nova chance de lidar com esse sentimento.

1.2. Os cinco estágios

Elisabeth Kubler-Ross foi uma psiquiatra suíça-americana que se dedicou a pesquisar a finitude da vida, o luto e o morrer, tornando-se especialista num assunto tabu para o ocidente. Em 1969, lançou o livro *On Death and Dying*, no qual analisava situações relacionais entre sua equipe, os pacientes, seus familiares e entre os próprios profissionais da saúde; e descreveu os cinco estágios pelos quais os pacientes passam diante de uma doença fatal ou que potencialmente afeta a vida.

Apesar de não ser uma regra, os cinco estágios do luto se encaixam para o meu caso em particular, e ajudaram-me a organizar meus pensamentos e entender o que se passava nos primeiros momentos de luto. Então, baseando-me neles, procurei desenvolver minha pesquisa da paleta saturada, atrelando os significados das cores na cultura ocidental, com ajuda de pesquisadoras como Eva Heller e Caitlin Doughty.

2. AS PINTURAS

Com intensidade e ritmos próprios, cada estágio do luto se traduziu em pinceladas distintas, formando o meu ‘eu’ dentro do processo de luto. A tinta óleo veio como uma camada densa, aprofundando volumes e a fatura é um reflexo da energia do sentimento (por muitas vezes experienciado durante a produção da obra em si). Cada composição possui sua própria estrutura, para que possam ser absorvidas separadamente, e reordenadas de acordo com cada observador que tenha passado por um período de luto; mas de forma que ainda conversem para criar um processo.

Devido a Pandemia de Covid-19, e as aulas online, sinto que perdi muito quanto às técnicas práticas ensinadas no curso de Pintura. Com espaço e materiais limitados, desenvolver o ato de pintar se tornou um desafio; o qual eu continuo a explorar neste Trabalho de Conclusão. As cinco pinturas se tornam experimentos nos quais eu investiguei dimensões maiores, o eixo de saturação das cores e a fatura.

2.1. Primeiros esboços

Além dos movimentos da cor, procurei explorar em minha pesquisa as potencialidades do gestual e da materialidade na pintura. Para isso, pesquisei as pinturas de Eugène Carrière (1849-1906), nas quais figura e fundo se unem em uma dinâmica de manchas, conciliando a expressividade do sentimento com a representação da figura humana. Em uma série de rápidos ensaios, tento esquecer as linhas de contorno, buscando delimitar áreas e volumes com manchas e tons distintos, invocando o “eu lírico”. Começando pelo carvão, e repetindo o ensaio com tinta acrílica preta e branca.



Figura 3

Self-Portrait, 1893.

CARRIÈRE, Eugène. Óleo sobre tela. 41.3 x 32,7 cm

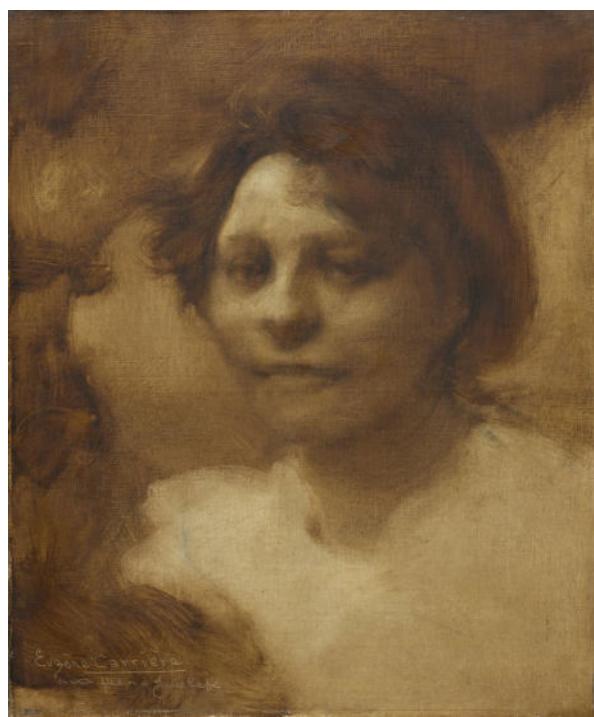


Figura 4

Madame Case. 1900 - 1901.

CARRIÈRE, Eugène. Óleo sobre tecido. 46.2 x 38.1 cm



Figura 5

The Contemplator. 1901.

CARRIÈRE, Eugène. Óleo sobre tecido. 33.6 x 41 cm



Figura 6

Fillete endormie 1897.

CARRIÈRE, Eugène. Óleo sobre tela. 24,5 x 32 cm



Figura 7

Figura 8

Estudos tonais 1, 2023

Carvão sobre papel, 29,7 x 21 cm



Figura 9
Estudos tonais 2, 2023
Acrílica sobre papel, 21 x 29,7 cm

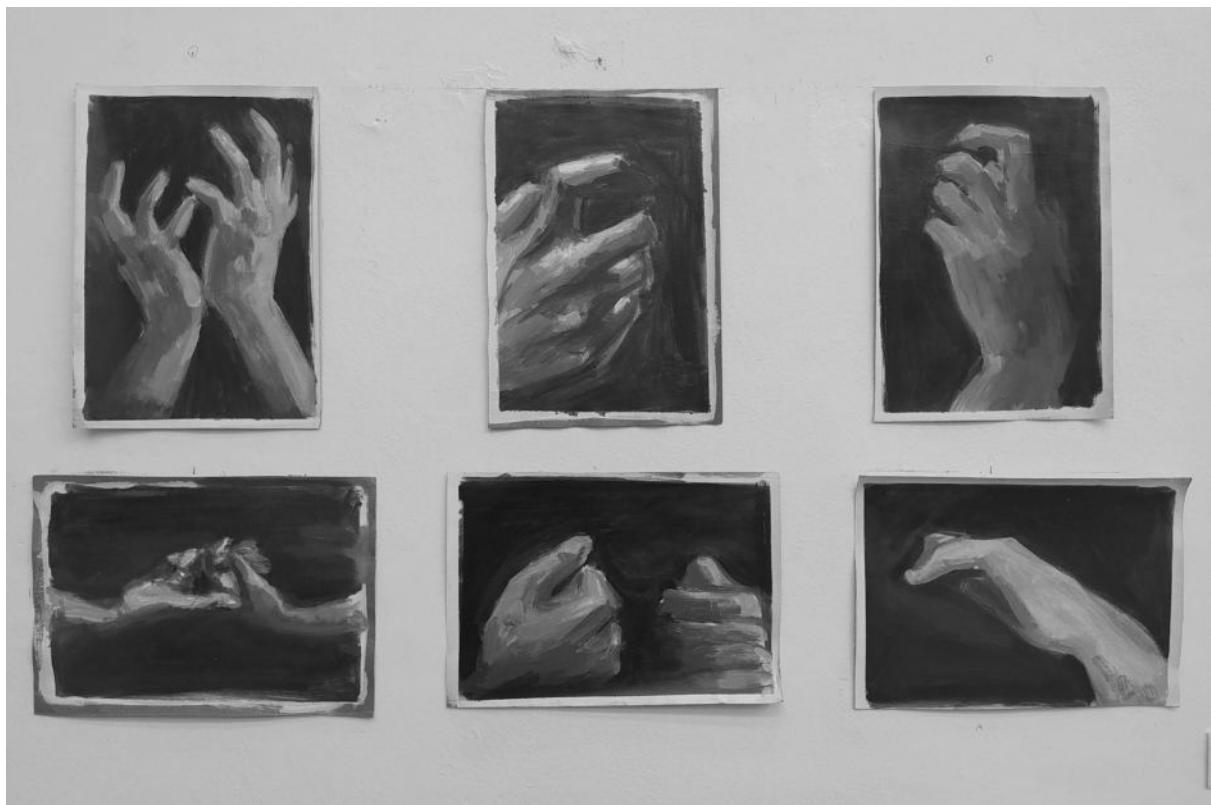


Figura 10
Estudos tonais 3, 2023
Acrílica sobre Kraft, 21 x 14,8 cm; 14,8 x 21 cm.

No que se refere a estrutura cromática, pesquisei a obra de Odilon Redon (1840-1916), com seu diálogo entre o fundo colorido e as sucessivas camadas que suscitam acordes por meio das misturas óticas.

Em meu caso, cada obra é iniciada a partir de uma tônica cromática saturada, sobre a qual acontece a dança de manchas complementares, invocando a tensão entre quentes e frios. Com a adição do preto e do branco ativo o contraste de valor, resultando em uma trama de mistérios.

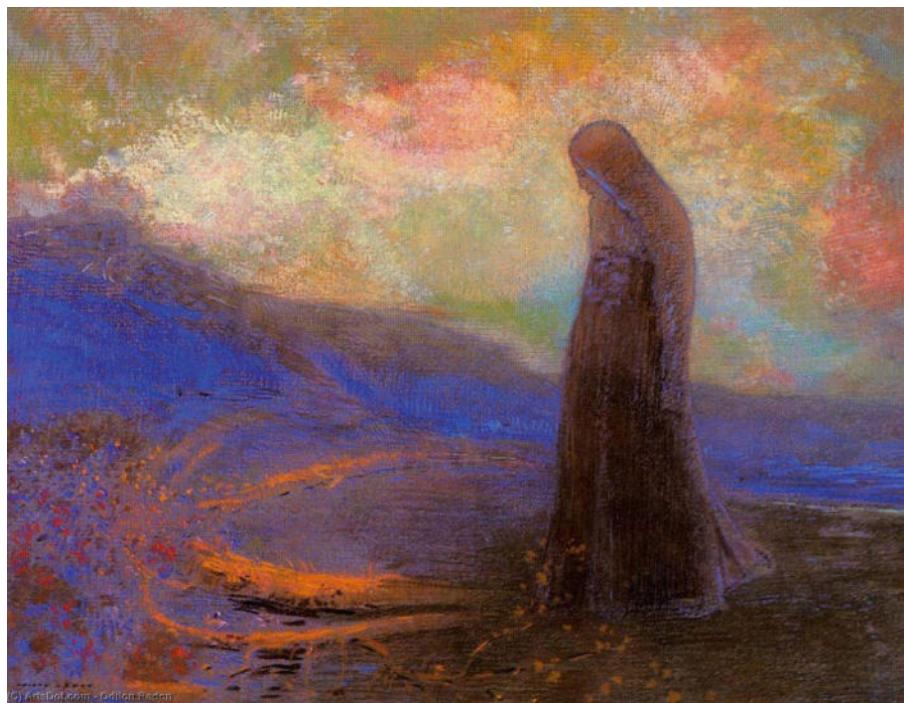


Figura 11

Reflection, 1900-1905.

REDON, Odilon. Pastel sobre papel. 47,8 cm x 61,2 cm.

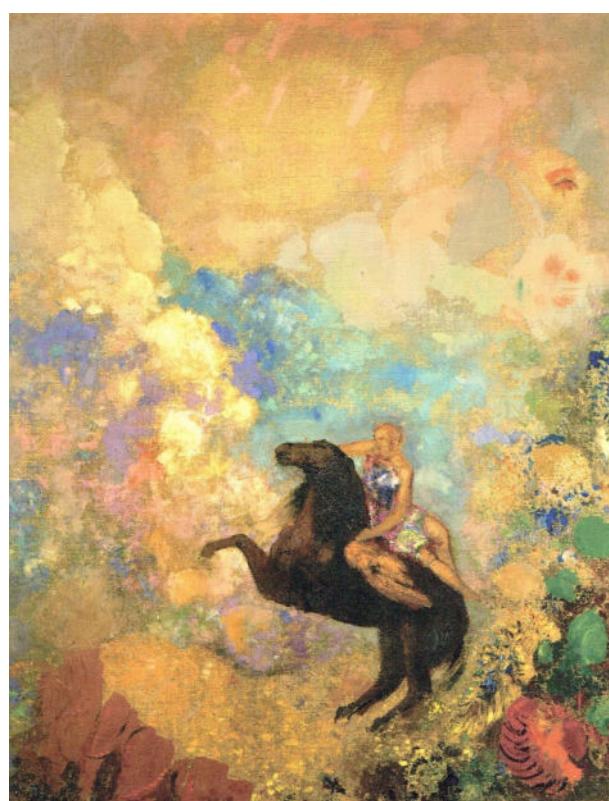


Figura 12

Muse on Pegasus, 1907-1910.

Redon, Odilon. Óleo sobre tela. 73,5 x 54,4 cm



Figura 13

Estudo de Cor, 2023.

Óleo sobre papel A5.

Após a realização dos estudos, iniciei todas as pinturas queimando o fundo com aguadas de acrílica em cor saturada de acordo com o matiz determinado para cada sentimento - o meu tom mais claro da paleta. Com neutros e tons escurecidos, venho desdobrando o claro escuro, procurando reviver o estágio psicológico do luto em questão, para melhor expressá-lo, ainda que “ninguém faça a arte que quer, o trabalho é feito de acordo com suas próprias leis” (Redon, 2017, p 22. Tradução nossa).

Para o aprofundamento sobre os problemas da cor, realizei estudos prévios com quadrículas coloridas, seguindo a metodologia apresentada pelo pintor Johannes Itten, em seu livro *A Arte da Cor* (1975), conforme as imagens que acompanham as pinturas finais. Tal procedimento me permitiu ensaiar possibilidades de paleta, justaposições e sobreposições cromáticas, como um modo de pensar as composições antes e durante a realização das pinturas finais.

Imersa no sentimento, ao dedicar longas horas para a produção de cada pintura, e experimentando melhores soluções diretamente no papel, o processo acabou por tomar rumos inesperados - e nem sempre satisfatórios.

2.2. Negação - Violeta



Figura 14

Estudo de Paleta 1, 2023

Óleo sobre papel. 10 x 6 cm.

Fingir que a dor não está lá, não melhora.

E para a surpresa de muitos, ela também não piora. Você apenas se mantém ali, se deixando ser consumido pela covardia e deixando seus minutos irem embora atoa.
[Desconhecido]

Não querer aceitar a verdade é um mecanismo de defesa imediatamente acionado quando se trata de uma grande notícia que provoca um grande impacto. Pode durar alguns instantes, alguns meses, ou até anos. Contudo, ela não impede totalmente a dor de existir, mas

a amortece, a nubla com a falsa sensação de que tudo não se passa de um sonho - ou pesadelo. (KÜBLER-ROSS, 1969)

Segundo Eva Heller, violeta, uma cor pouco encontrada na natureza, é mais associada com hematomas e poder, é a cor da violência, da fantasia (HELLER, 2013).”O violeta é a cor da magia (...) simboliza o lado sinistro da fantasia, a busca anímica, tornar possível o impossível” (HELLER, p. 372), assim, o violeta se tornou a minha cor para o primeiro estágio do luto: a negação.

A primeira pintura, ainda muito descritiva, dá destaque às mãos que protegem o rosto da notícia, da verdade; e a figura, que ainda pouco interage com o fundo, se isola no canto esquerdo, como quem hesita em avançar. Procurando sair do descritivo e explorar os neutros, pinceladas secas se sobrepõem ao fundo aguado.



Figura 15
Negação, 2023.
Acrílica e Óleo sobre papel Kraft 300g, 108 x 73 cm.

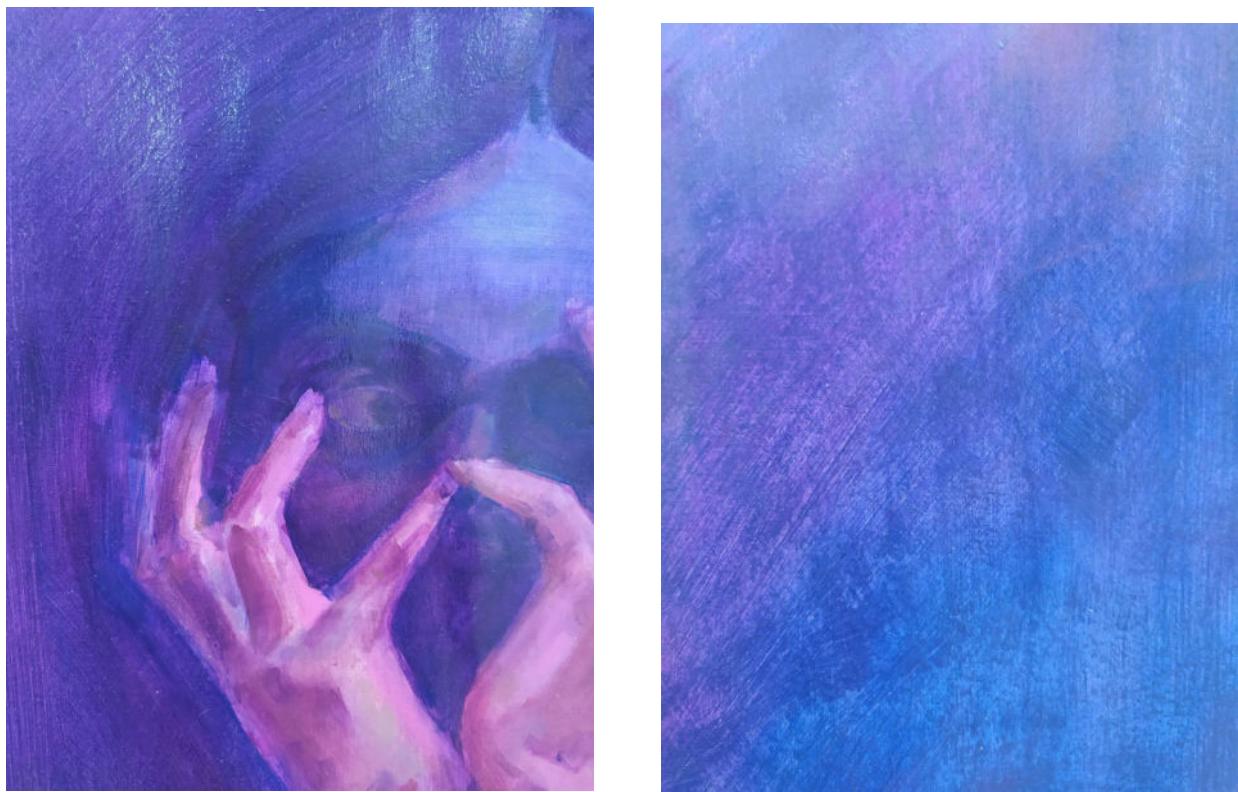


Figura 16

Detalhes da pintura Negação, 2023.

2.3. Raiva - vermelho



Figura 17

Estudo de Paleta 2, 2023

Óleo sobre papel. 10 x 6 cm.

Bochechas coradas, “ver” tudo vermelho, “saindo fogo pelas ventas”. Há inúmeras expressões linguísticas e descrições físicas para ilustrar alguém tomado pela raiva. E todas concordam que a dita emoção emerge do acelerar a pulsação, da sensação de calor que vem do âmago.

No processo de luto, a raiva é uma continuação da negação. Ela representa o começo do processo de digestão da notícia indesejada, cuja consequência é o aflorar abrupto dos sentimentos que leva a situações intensas e súbitas (KÜBLER-ROSS, 1969).

Em “*Psicologia das cores*” (2013), Heller conecta o vermelho ao fogo, a brasa, ao sangue quente, o vermelho alaranjado da queimação na boca do estômago, vibrante e iluminado da superfície da pele irritada. Todos elementos atribuídos à violência e ao risco em potencial, que são tipicamente associados a reações fisiológicas causadas pela raiva.

Quem nunca - ou quase - “perdeu a cabeça” quando tomado pela raiva? Quem nunca teve os pensamentos nublados pela intensa sensação dentro do peito, que lembrava um vulcão em erupção? Quem nunca quis gritar com o mundo nesses momentos?

No estágio seguinte, ao me permitir ser tomada pela raiva e inconformidade, o padrão das pinceladas se torna quase caótico com muitas direções e variedade de tons, e a expressão se torna ainda mais acentuada no desenho. O ritmo acelera e a atmosfera esquenta, e a

composição cria um movimento para a direita. Em um avanço, a figura começa a perder o seu contorno, e as manchas e os tons são distribuídos com mais confiança.



Figura 18
Raiva, 2023.
Acrílica e Óleo sobre papel Kraft 300g, 108 x 73 cm.

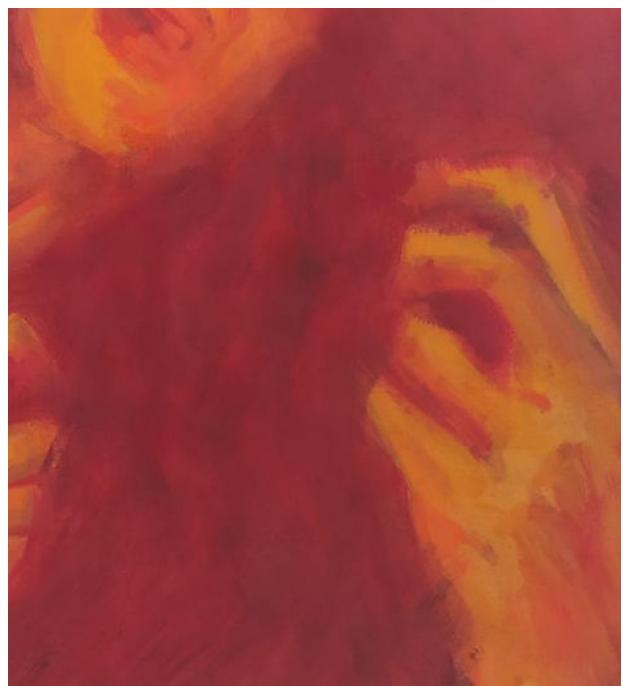


Figura 19
Detalhes da pintura Raiva, 2023.

2.4. Barganha - verde



Figura 20
Estudo de Paleta 3, 2023
Óleo sobre papel. 10 x 6 cm; 8 x 5 cm.

O terceiro estágio é como uma descida, ou uma curva que parece levar de volta ao início. A continuação da negação, porém em sua forma mais sutil e enganadora: negociar a veracidade da notícia por alguma mudança física ou de hábito. Por exemplo, uma jovem que recebe por mensagem a notícia da morte da irmã mais nova que não via há anos e pensa: “Se isso for uma pegadinha, prometo ligar mais vezes e visitar mais”.

A barganha é esperar que tudo melhore, que a ‘verdade’ - uma notícia melhor que a anterior - seja revelada por uma troca. Como se aquela ‘brincadeira’ fosse uma lição de moral. Ou como uma pessoa religiosa que, ao receber o diagnóstico de um câncer terminal, faz uma promessa, um “contrato”, com uma entidade em troca de mais tempo de vida. Uma tentativa de adiamento do inevitável (KÜBLER-ROSS, 1969).

É uma falsa *esperança*, cujo a cor é comumente atribuída no Brasil ao verde, que por sua vez, no livro de Eva Heller, é associado à fantasia e ao veneno (que destrói o indivíduo ingênuo de dentro para fora). Logo, para a barganha, escolhi a cor *verde*.

Numa composição centralizada e dividida em três partes (mãos, cabeça e peitoral), o estágio da Barganha cria um equilíbrio estático. Com pinceladas horizontais e contínuas,

luzes e sombras mais construídas, ela se opõe à raiva; seu arranjo remete à mente reflexiva: calma e profunda. Os neutros quentes e os verdes dialogam em um claro escuro, que funde o fundo e a figura. A transparência e pinceladas opacas presentes criam uma trama de profundidade e sobreposições rica em uma variedade de tons e cor.

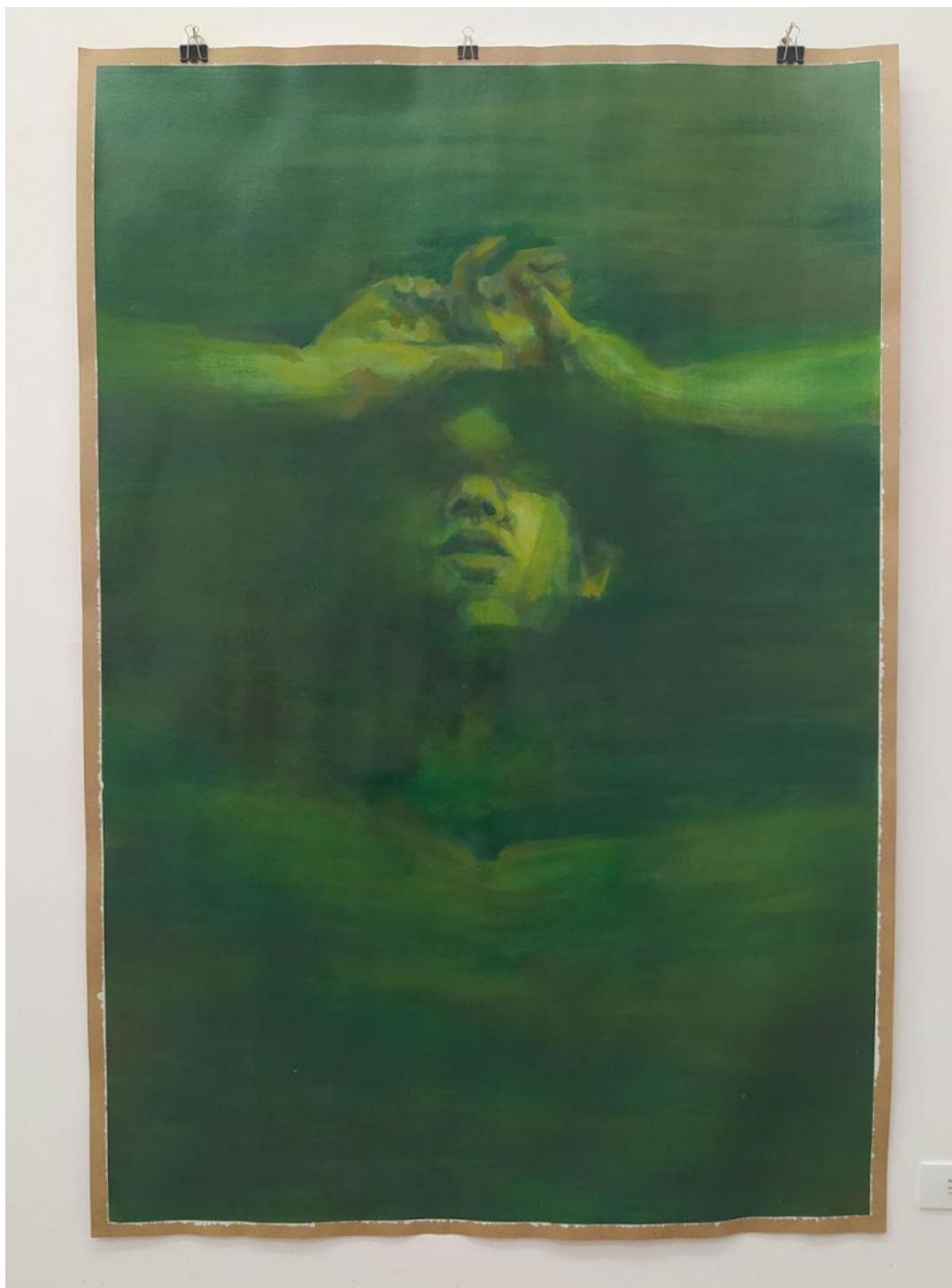


Figura 21

Barganha, 2023.

Acrílica e Óleo sobre papel Kraft 300g, 108 x 73 cm.



Figura 22

Detalhes da pintura Barganha, 2023.

2.5. Depressão - azul



Figura 23
Estudo de Paleta 4, 2023
Óleo sobre papel. 10 x 6 cm; 9,5 x 7 cm.

A profundez é azul.

Quanto mais fundo, mais escuro é esse azul.

Quanto mais profundo o sofrimento, maior é a sensação de dor. Marcando a reta final do conflito entre negação e aceitação, o quarto estágio representa o ato de abraçar a perda (KÜBLER-ROSS, 1969). Não há mais dúvidas de que a passagem do ente querido é real.

Do inglês, "tristeza" e "melancólico", o *blues* também é um gênero musical que fala sobre saudade, das dores, do amor, do ansiar, criado pela comunidade negra norte-americana (HELLER, 2013). Portanto, ao tratar de um sentimento que remete a dor, a tristeza, a saudade e o sofrimento, azul se torna a cor escolhida.

Para dar a sensação de grande carga emocional, no estágio da Depressão a composição explora os tons mais escuros e sua disposição para criar um peso de cima para baixo, como se a dor pesasse toneladas e quase nos empurrasse para fora do nosso controle - no caso da figura, a extremidade direita. Os poucos neutros adicionados nesta pintura, acabam por ressaltar essa camada pouco trabalhada nos tons de azul; evidenciando um certo retrocesso no desenvolvimento do experimento.



Figura 24
Depressão, 2023.
Acrílica e Óleo sobre papel Kraft 300g, 108 x 73 cm.



Figura 25

Detalhes da pintura Depressão, 2023.

2.6. Aceitação - amarelo



Figura 26

Estudo de Paleta 5, 2023.

Óleo sobre papel. 10 x 6 cm

A vida é uma montanha russa. Tem dias que a gente é a força que muitos precisam. Tem dias que a gente não tem força nem pra fazer o espelho sorrir. Mas o sentido da vida é sermos felizes nesse sobe e desce. Um dia a gente diminui, no outro dia a gente cresce. Em um dia a gente apanha, no outro dia amadurece. E nesse vai e vem, a gente acredita, segue com fé, segura a mão de Deus e diz cheio de esperança, amém, pra tudo que vier.

Sejamos força quando pudermos.

Estejamos abertos para recebê-la quando precisarmos
(DOURADO, Cleonio)

O amarelo do sol, das flores, da alegria, com um pouco do verde da natureza, das plantas diversas e venenosas. Escolho o amarelo limão que remete a acidez, a bile, o veneno (HELLER, 2013); para representar os rastros que a dor da perda deixa.

O último estágio nomeado de *aceitação* para os enfermos não é o fim da luta, mas a total consciência de seu estado físico e quadro clínico. Para o familiar é parecido, contudo há também a certeza - e promessa - de que essa pessoa e a sua luta não serão jamais esquecidas. (KÜBLER-ROSS, 1969). O que, por si só, não é tão belo e alegre como os filmes fazem parecer. Teremos momentos vibrantes, onde lembramos toda a vivacidade e alegria dos

falecidos. E teremos momentos sombrios, onde questionamos como eles estariam hoje se não tivessem partido.

Um processo que pode ser alegre como sol, ou doloroso como o ácido.

Composto por tons mais claros que as pinturas anteriores, o último estágio se torna o fim do experimento e do meu processo de luto. Procurando trabalhar melhor os erros e acertos, Aceitação, reúne a composição centralizada, um trabalho mais sutil de manchas, passagens de tons e toques de cor. Diferente de todas as quatro pinturas anteriores, que procuram não olhar para o observador, o último estágio, Aceitação, encara diretamente o espectador, como se indicasse estar pronto para o que vem após o luto. Podendo ser ainda mais trabalhada, a pintura de tons amarelados é um convite para a continuação da investigação dessa pesquisa.

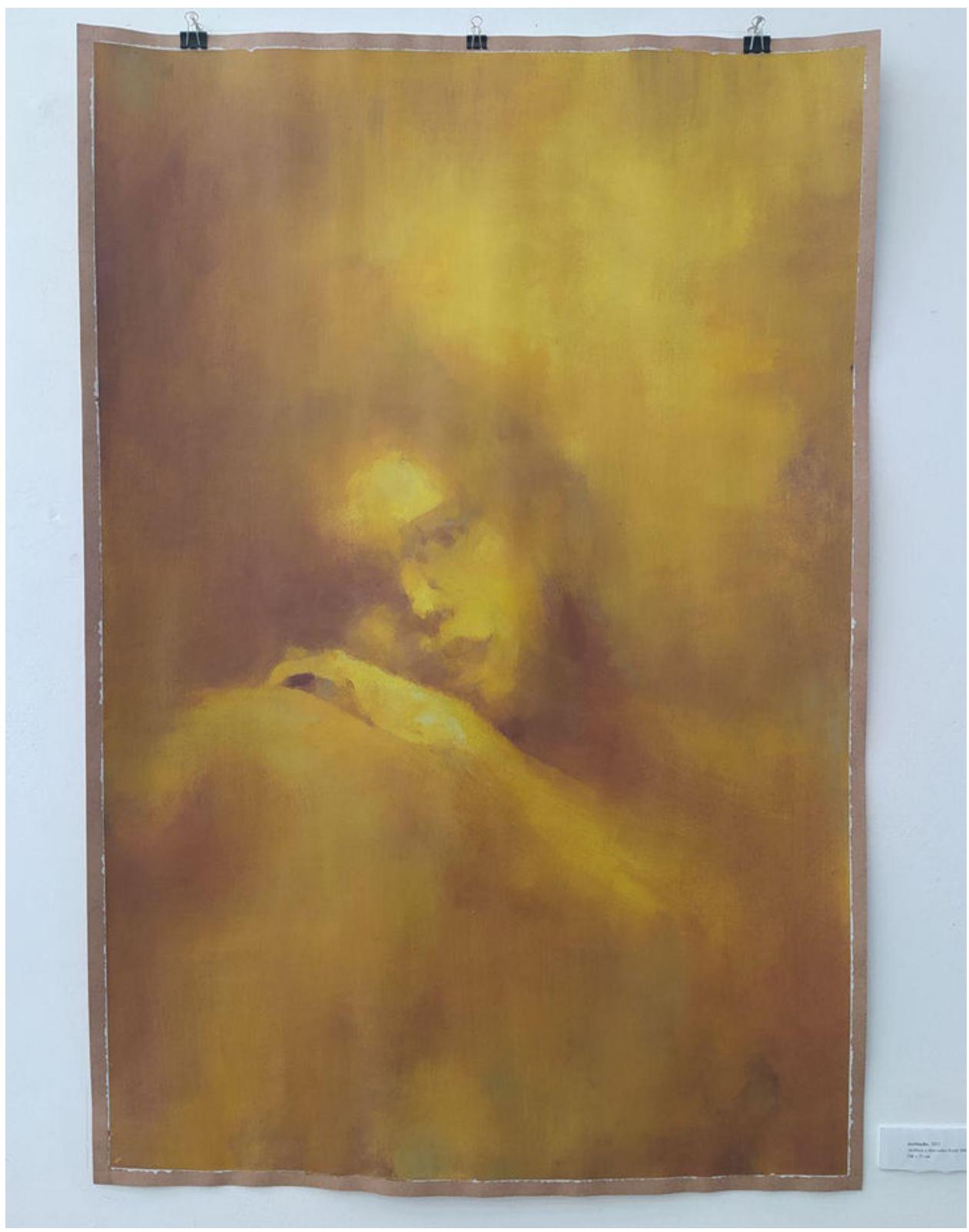


Figura 27
Aceitação, 2023.
Acrílica e Óleo sobre papel Kraft 300g, 108 x 73 cm.

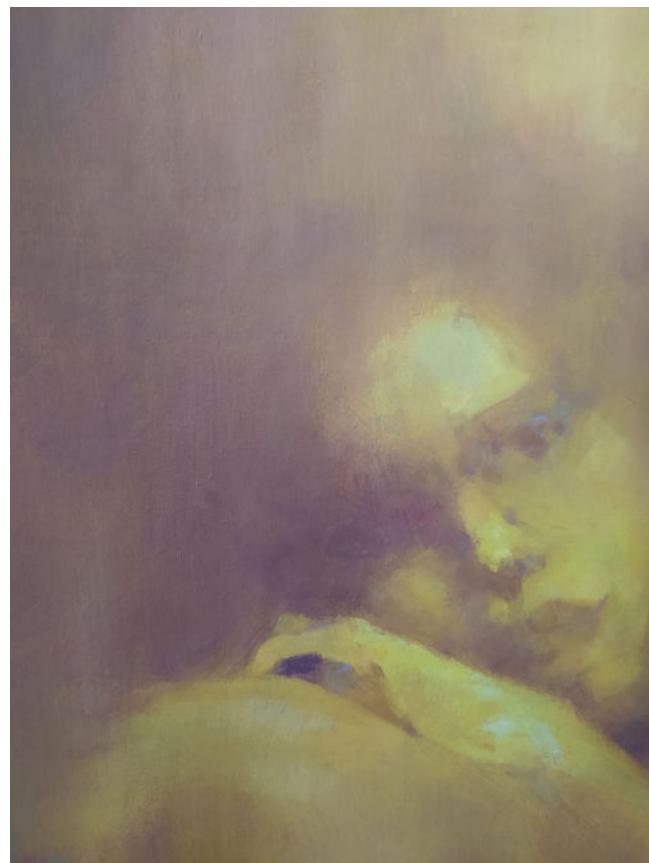


Figura 28
Detalhe da pintura Aceitação, 2023.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fragmentando o processo da perda, *As Cores do Luto* aborda a dor, a inconformidade, a tristeza, e, mais que tudo, a vulnerabilidade do ser humano. Em cinco pinturas, exploro a ligação afetiva com a cor, os contrastes cromáticos e o jogo de manchas.

Entendendo a imaterialidade do sentimento, é perceptível a importância de saber como representá-lo, dando margem a imaginação do espectador e permitindo que ele e a obra tenham um diálogo fluido e nada cansativo. Para isso, portanto, as referências bibliográficas e visuais foram pontuais, ajudando a criar uma linguagem pictórica expressiva, ainda que em seu estágio infanto.

A compreensão dos contrastes de Itten (1888-1967) e jogo de ótica de Redon (1840-1916), e das manchas de Carrière (1849-1906) foram essenciais para o desenvolvimento deste trabalho, cuja criação foi abrupta e conturbada. Considerando esse Trabalho de Conclusão um ponto de partida, procurarei, então, me aprofundar nesses aspectos para desenvolver melhor a pesquisa do meu próprio luto e nossa relação afetiva com as cores; continuando a explorar o campo da sugestividade, contente com o desenvolvimento e desdobramentos presentes nos trabalhos aqui apresentados. Afinal todo desenvolvimento surge de um processo, seja ele árduo e curto, ou longo e tranquilo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARNHEIM, Rudolf. **Arte e Percepção visual:** uma psicologia da visão criadora. Tradução de Ivonne Terezinha de Faria. 10 ed. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1996.
- DOUGHTY, Caitlin. **From Here to Eternity:** traveling the world to find the good death. New York. W. W. Norton & Company: illustrated edition, 2017
- GIBSON, Michael. **Redon.** 1 ed. Los Angeles : Editora Taschen America Llc. 2019
- HELLER, Eva. **A Psicologia das Cores:** como as cores afetam a razão e a emoção. Tradução: Maria Lucia Lopes da Silva. 1 ed. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.
- ITTEN, Johannes. **The Art of Colors:** The subjective experience and objective rationale of color. New Jersey: John Wiley & Sons, 1974.
- KÜBLER-ROSS, Elisabeth. **On Death And Dying.** New York. Macmillan: Michigan University, 1969.

ANEXO A - Registros dos Processos

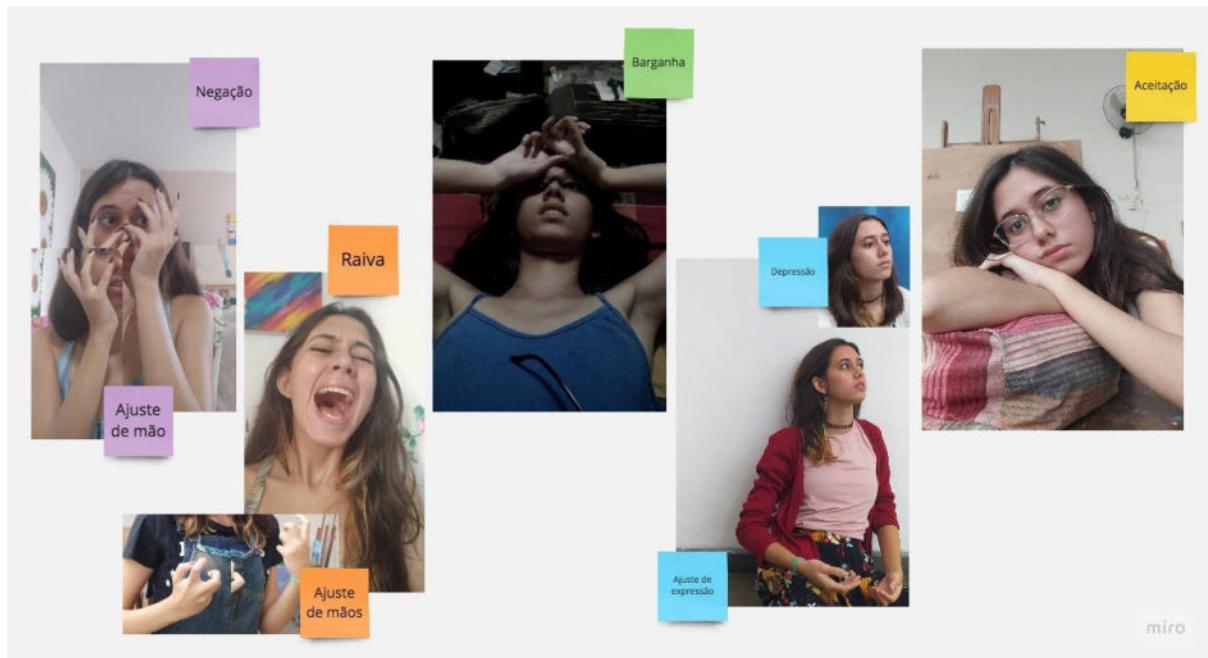


Figura 29

Print do *Mirro*, Fotos de Referência. 2022-2023.

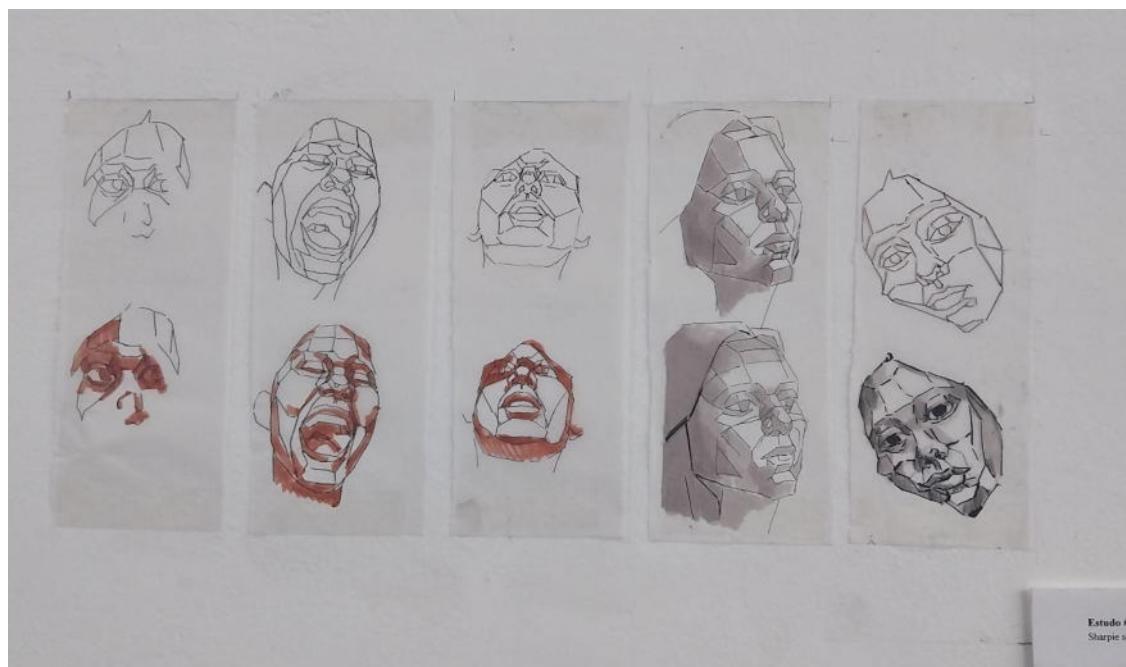


Figura 30

Estudo de Planos. Sharpie sobre papel vegetal.

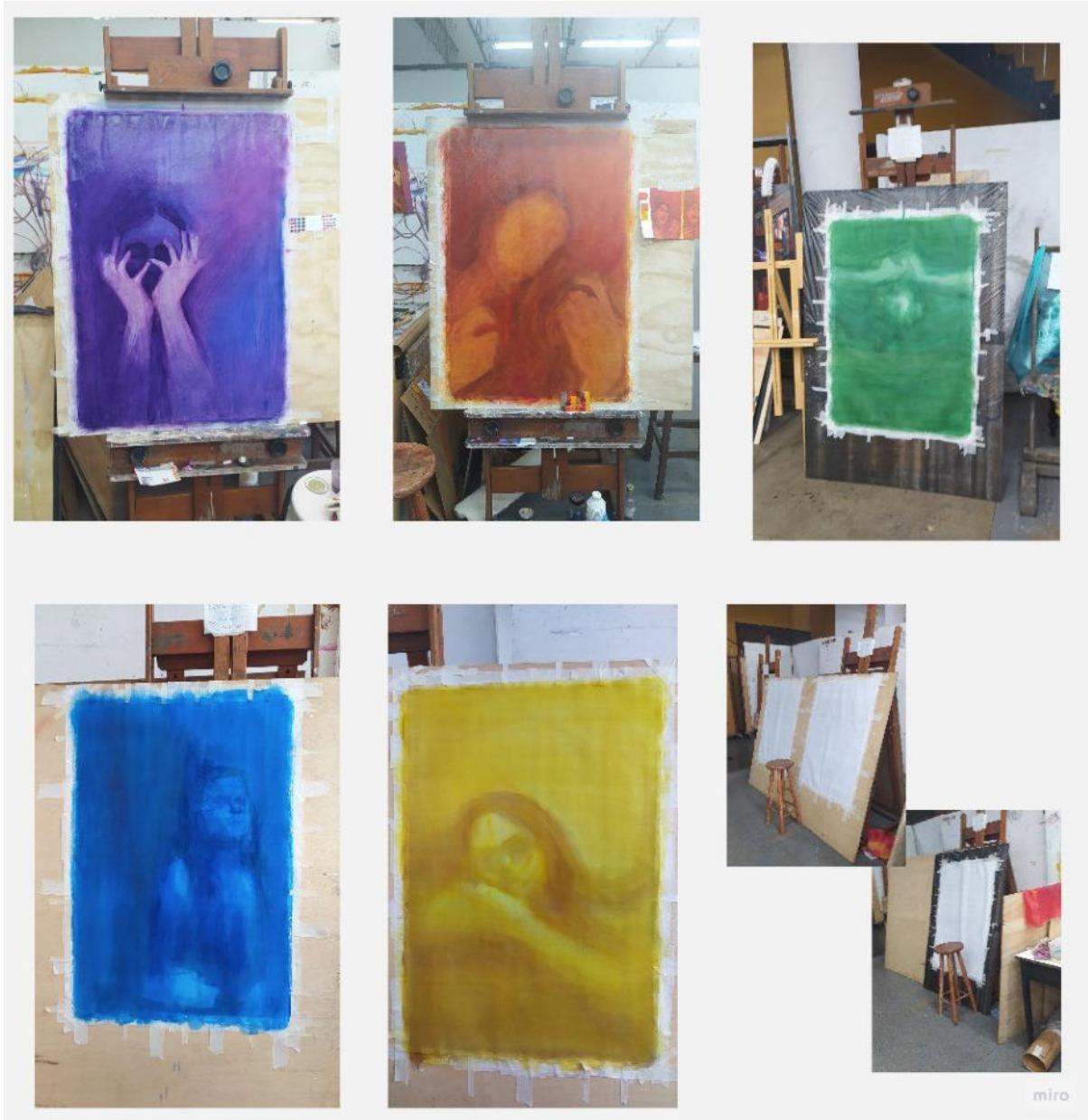


Figura 31

Fotografia, 2023.

Registros da preparação do suporte, imprimatura e primeira camada de tinta óleo.

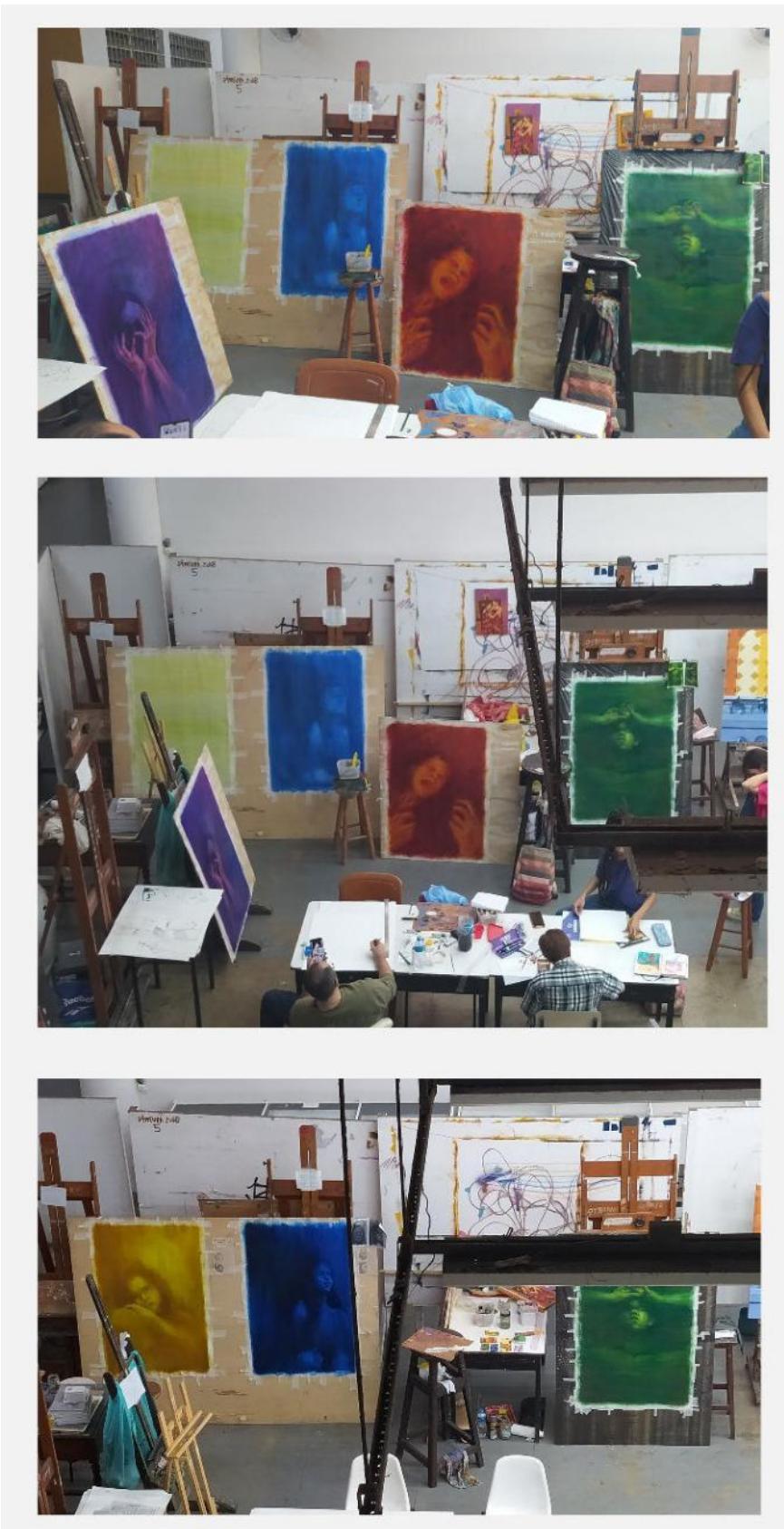


Figura 32

Fotografias. Canto do TCC, Ateliê de Pintura, UFRJ.

EXPOSIÇÃO INDIVIDUAL



Figura 33 : Cartaz da Exposição

A exposição ocorreu do dia 04 ao dia 13 de Julho de 2023 na Galeria Macunaíma e contou com a curadoria de Caroline Deville, graduanda do Curso de Pintura e amiga pessoal.

A montagem ocorreu no dia 03 de Julho com ajuda de alguns amigos e as obras foram dispostas na ordem do processo de criação, possibilitando que o visitante conhecesse o desenvolvimento do sentimento do luto e das próprias obras.

Começando pela parede esquerda, o observador se depara com um texto de curadoria que o introduz ao conceito da exposição, seguindo pelos estudos de composição e cor até, enfim, o resultado das obras.

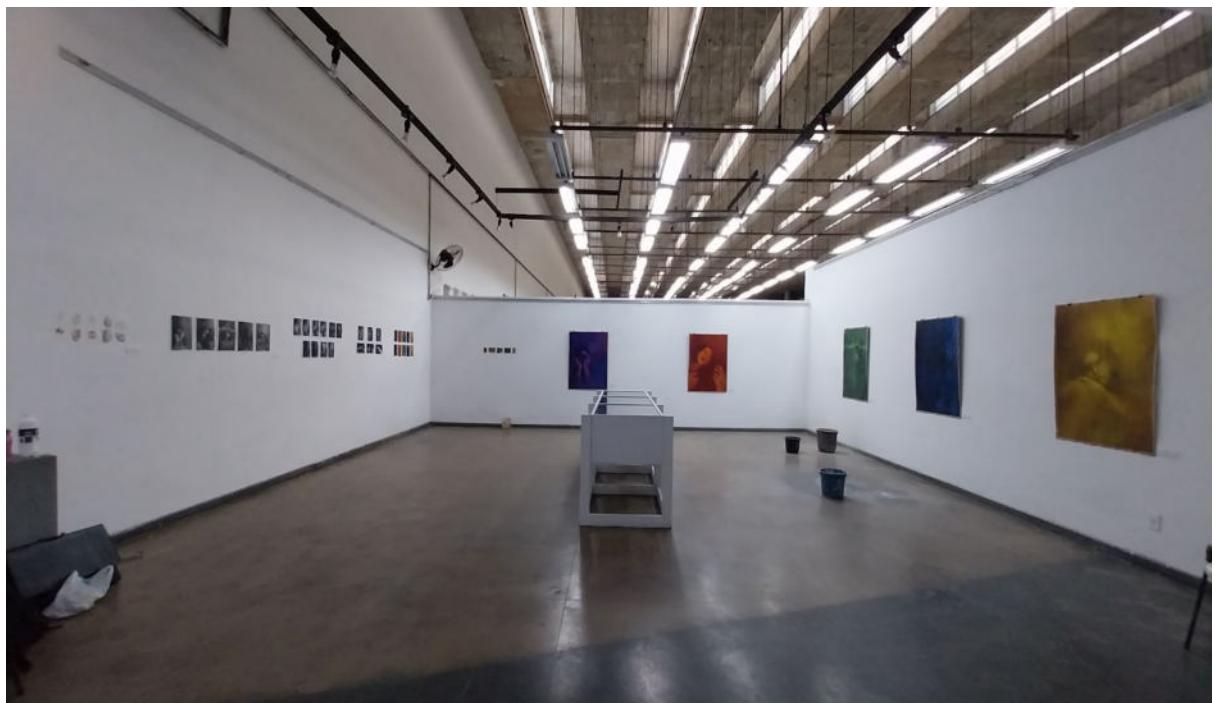


Figura 34 : Fotografia da Exposição.



Figura 35 : Fotografia do expositor

Texto de Curadoria:

AS CORES DO LUTO

Por Alice Moliv

“Pinto a mim mesma porque sou sozinha e porque sou o assunto que conheço melhor.” - Frida Kahlo

O nome ‘exposição’ nunca foi tão apropriado para uma mostra de arte.

Encarando seu sofrimento, Alice Moliv exibe os cinco estágios de seu próprio luto, após várias perdas consecutivas em um período curto de tempo. As obras, produzidas enquanto processava cada um dos estágios, cutucam seus pontos mais íntimos e viscerais, colocando o dedo na própria ferida e forçando seus observados a superar o senso comum que relaciona o período de luto com apatia.

Alice expõe, junto com suas pinturas, a própria fragilidade, o próprio medo e a própria incerteza mediante a perda de entes queridos. Mais do que pinturas, as obras elaboradas são um diário de um processo de busca por algo ainda sem resposta.

O que fazer quando as palavras não bastam, quando os gritos não são altos o suficiente e nenhum remédio apazigua a dor?

Como lidar com o indizível, o inominável, o sofrível e o irremediável?

Como preencher o vazio da saudade e se recuperar da perda?

As palavras faltam, mas as cores sobram, melhor que qualquer idioma, oferecendo o conforto daquele abraço que não volta *nunca mais*.

CAROLINE DEVILLE